



Concurso Público de ingresso para provimento de cargos de
Professor de Ensino Fundamental II e Médio
Português

Nome do Candidato

Caderno de Prova 'M09', Tipo 001

Nº de Inscrição

MODELO

Nº do Caderno

MODELO1

Nº do Documento

0000000000000000

00001-0001-0001

ASSINATURA DO CANDIDATO

P R O V A

Conhecimentos Específicos

INSTRUÇÕES

- Verifique se este caderno:
 - corresponde a sua opção de cargo.
 - contém 30 questões, numeradas de 1 a 30.Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno.
- Não serão aceitas reclamações posteriores.
- Para cada questão existe apenas UMA resposta certa.
- Você deve ler cuidadosamente cada uma das questões e escolher a resposta certa.
- Essa resposta deve ser marcada na FOLHA DE RESPOSTAS que você recebeu.

VOCÊ DEVE

- Procurar, na FOLHA DE RESPOSTAS, o número da questão que você está respondendo.
- Verificar no caderno de prova qual a letra (A,B,C,D,E) da resposta que você escolheu.
- Marcar essa letra na FOLHA DE RESPOSTAS, conforme o exemplo: (A) ● (C) (D) (E)

ATENÇÃO

- Marque as respostas primeiro a lápis e depois cubra com caneta esferográfica de tinta preta.
- Marque apenas uma letra para cada questão, mais de uma letra assinalada implicará anulação dessa questão.
- Responda a todas as questões.
- Não será permitida qualquer espécie de consulta, nem o uso de máquina calculadora.
- Você terá 2 horas para responder a todas as questões e preencher a Folha de Respostas.
- Ao término da prova, chame o fiscal da sala para devolver o Caderno de Questões e a sua Folha de Respostas.
- Proibida a divulgação ou impressão parcial ou total da presente prova. Direitos Reservados.



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Atenção: Considere a letra da canção **Lavadeira do rio**, de Lenine e Bráulio Tavares, adaptada, na ortografia e pontuação, para acompanhar sua interpretação cantada, para responder às questões de números 1 a 4.

Ah! lavadeira do rio
muito lençol pra lavar
fica faltando uma saia
quando o sabão se acabar
mas corra pra beira da praia
veja a espuma brilhar
ouça o barulho bravio
das ondas que batem na beira do mar
ê, ô, o vento soprô
ê, ô, a folha caiu
ê, ô, cadê meu amor

que a noite chegô fazendo frio
ô, Rita, tu sai da janela
deix'esse moço passar
quem não é rica, e é bela
não pode se descuidar
ô, Rita, tu sai da janela
que as moça desse lugar
nem se demora donzela
nem se destina a casar
ê, ô, o vento soprô...

1. Leia os seguintes comentários acerca do texto:

- I. Do ponto de vista discursivo, os quatro primeiros versos acolhem uma voz que, ao fazer referência à lavadeira, insinua crítica bem-humorada ao controle deficiente do processo de trabalho dos habitantes da região que ela representa.
- II. A justaposição dos dois primeiros versos do refrão (*ê, ô, o vento soprô/ê, ô, a folha caiu*) instaura uma relação de causa e efeito que, expandindo-se pelos dois versos subsequentes, explicitam a preocupação de Rita com o potencial risco à saúde do amado, advindo da queda de temperatura (...*cadê meu amor/ que a noite chegou fazendo frio*).
- III. Nos versos que correspondem a um aconselhamento, o uso do verbo "ser" no presente do indicativo, da terceira pessoa e de expressões que se referem à totalidade dos indivíduos de certos grupos (*quem não é rica e é bela; que as moça desse lugar*) insere o caso específico de Rita em situações tomadas como gerais.

É correto o que se diz APENAS em:

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.

2. O exame do texto revela que os compositores

- (A) exploram um registro fonético subpadrão (*pra, deix'esse, soprô, chegô*) para construir o diálogo que se trava entre pelo menos duas lavadeiras, uma delas identificada como Rita.
- (B) eliminam, em pontos específicos do texto, a redundância na marcação da concordância de número, típica do português padrão, para caracterizar um falar popular (*tu sai, as moça, [as moça] nem se demora*).
- (C) mantêm, em toda a letra, um mesmo registro linguístico, que se caracteriza como distenso e informal, mas, ainda assim, culto (*nem se demora donzela/nem se destina a casar*).
- (D) demarcam, como espaço em que se movem as personagens, uma cidade litorânea nordestina, seja por meio do léxico empregado nas descrições (*rio, mar, ondas, vento*), seja por meio dos regionalismos presentes nas falas das personagens, como o uso do pronome *tu* com verbo na terceira pessoa (*sai*).
- (E) recorrem ao discurso direto para introduzir variantes sociolinguísticas estigmatizadas, assim separando as falas de personagens caracterizadas como idosas e pouco escolarizadas das falas proferidas por um narrador mais jovem que usa a norma culta.

3. É INCORRETA a seguinte observação sobre recursos linguístico-discursivos empregados no texto:

- (A) A especificação do valor temporal de *Fica faltando* dá-se no verso seguinte, no qual se esclarece a referência ao futuro.
- (B) O sintagma *muito lençol*, considerados o quantificador e o fato de o substantivo ser contável, designa um todo, concebido de maneira genérica ou global, ao passo que em 'Muitos lençóis' há referência às unidades distintas que integram o conjunto.
- (C) Em *desse lugar*, a unidade linguística destacada exemplifica a alternância, comum em diferentes variedades do português do Brasil, entre 'este' e 'esse' para indicar o que está próximo do locutor.
- (D) O apagamento da vogal átona final da forma verbal que antecede vocábulo iniciado por vogal (*deix'esse*, pronunciado: *Deixesse*) exemplifica o fato de que, do ponto de vista fônico, o vocábulo nem sempre coincide com sua conformação morfológica ou gráfica.
- (E) Os versos que contêm imperativos (*corra, veja, ouça*) e vocativo (*ô Rita*), marcas de que o texto se orienta para o destinatário, correspondem aos pontos de maior concentração do tom pessimista e desesperançoso que perpassa todo o texto.



4. Considerada a hipótese de trabalho com **Lavadeira do rio** em aulas de língua portuguesa, é pertinente observar que o texto, sendo letra de uma canção popular,
- (A) se mostra distante de questões linguísticas relevantes para estudo, mas poderia ter ritmo, métrica, rimas, figuras de pensamento explorados para considerações acerca da arte e da cultura populares, importantes eixos temáticos de qualquer disciplina escolar.
 - (B) não exhibe pretensões de tratamento científico de questões da língua, mas poderia ser explorado como registro útil de traços típicos do português brasileiro contemporâneo.
 - (C) parece ter sido pautado pela intenção de reproduzir usos linguísticos comuns, mas chega a um resultado caricato, dada a costura artificial entre variedades linguísticas muito marcadas e perfis muito frouxos de personagens.
 - (D) consegue reunir um bom número de desvios comuns da norma culta, o que pode ensejar uma aula sobre correções que o tornariam mais claro, mais informativo e estilisticamente mais atraente.
 - (E) trata, a partir de dados socioeconômicos e linguísticos, das condições desumanas em que vive a mulher pobre e pouco instruída e aponta o matrimônio como possibilidade única de redenção, o que propiciaria boas discussões sobre discurso e formação ideológica.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números **5 a 10** e à questão de número **13**.

Em um site dedicado ao esclarecimento de dúvidas diversas entre internautas, foram encontrados uma pergunta e um conjunto de respostas sobre o significado da expressão 'gato e sapato'. Abaixo, estão reproduzidos alguns desses textos, com adaptações e sem identificação dos autores.

- I. **Qual o significado da expressão 'gato e sapato'?** Sempre dizem, por exemplo: 'Separe-se deste cara, ele faz gato e sapato de você!'. Bom, eu sei q quer dizer 'fazer o que quiser com alguém', mas o q eu quero saber é por que é gato e sapato...
Afinal, o que tem a ver gato com sapato???
 - II. *Gato é o cara, sapato é você; aí sim, ele faz o que quer de você. Se você é o Gato, ele é o sapato e sofre na sua mão. Imagine um gato brincando com um sapato. [...]*
Além de tudo, tem a rima que ajuda na memorização e dá força ao dito popular.
 - III. *Gato é o mesmo que dizer: tratar você como animal*
(como se os animais não merecessem todo nosso carinho)
sapato: é uma coisa que a gente pisa nela
entendeu?
 - IV. *Tratar você de qualquer maneira, sem um jeito especial.*
Eu acho que porque o gato e o sapato chuta-se para o lado pra você não tropeçar. O gato tem mania de parar na sua frente de repente, ele não sai e você acaba chutando ele para o lado, e com o sapato é a mesma coisa, quando alguém deixa o sapato no meio do caminho você não chuta? Eu penso que seja isso!
 - V. *Eu acho que o certo é: fazer do gato um sapato! Quer dizer, fazer um sapato do couro do gato! [...]*
5. O exame dos enunciados autoriza dizer:
- (A) Em I, lança-se a ideia de que as línguas, ou ao menos os seus itens lexicais, respondem a operações lógicas ou razões facilmente identificáveis, ideia acolhida pelos outros locutores, mas fragilizada por eles mesmos, ao divergirem sobre a significação de *fazer de gato e sapato*.
 - (B) Em II, um aspecto da expressão da unidade linguística em análise é visto como mais importante que os de conteúdo: embora não tenha muito sentido, *gato e sapato* fixou-se por despertar o interesse lúdico e estético dos falantes.
 - (C) Em III, o locutor concentra-se nas relações entre linguagem e ideologia – trazendo à tona os preconceitos e injustiças que a forma linguística tem ajudado a difundir e perpetuar – e, ao final, procura certificar-se de que o interlocutor adquiriu um olhar mais apto a captar essas relações (*entendeu?*).
 - (D) Em IV, o tom provocativo funda-se em descrição que valoriza atitudes politicamente incorretas e satisfaz a intenção do locutor de causar desconforto e repulsa. No final, fica afirmado o direito do indivíduo ao livre pensar.
 - (E) Em V, o locutor assume postura normativa, desviando-se temporariamente da discussão sobre o significado para, a partir da reordenação dos constituintes da sentença, fazer relevar o que está em jogo: o sentido conotativo de 'gato' e 'sapato' na construção analisada.



6. Considerados os enunciados de I a V, assinale a alternativa correta.

- (A) O tipo de comunicação instaurado orienta-se pelo desequilíbrio de poder entre os interlocutores, já que, apesar da colaboração de todos na tarefa conjunta de articular um texto, é quem pergunta que estabelece o que pode ou não ser dito; nesse sentido, as respostas tornam-se previsíveis.
- (B) *Eu acho* (IV e V) e *Eu penso* (IV) funcionam como formas de atenuação do discurso, na medida em que instauram a perspectiva da sugestão e da incerteza e não a da imposição de uma verdade indiscutível.
- (C) Os diferentes locutores que respondem à pergunta constroem de si mesmos a imagem de plenos detentores do conhecimento; assim, por exemplo, todos fazem questão de ignorar o conhecimento prévio que o autor da pergunta declarou ter sobre o tema.
- (D) Os diferentes enunciados fundam-se sobre estratégias de discordância com o discurso do outro, manifestadas principalmente em ameaças explícitas à face do interlocutor (... *eu sei... mas o q eu quero saber é...*; *Gato é o cara, sapato é você; entendeu?*; ... *quando alguém deixa o sapato no meio do caminho você não chuta?*; *Eu acho que o certo é...*).
- (E) Apesar de o diálogo ter sido constituído, registrado e armazenado em um *site*, está preservado o caráter intimista da interação entre o *eu* e o *tu*, *aqui* e *agora*, e a circulação mais restrita do dizer; a estratégia que garante esse efeito é o direcionamento inequívoco dos textos das respostas a *você*, isto é, ao autor da pergunta.

7. **Qual o significado da expressão 'gato e sapato'?** Sempre dizem, por exemplo: 'Separe-se deste cara, ele faz gato e sapato de você!'. Bom, eu sei q quer dizer 'fazer o que quiser com alguém', mas o q eu quero saber é por que é gato e sapato...

Afinal, o que tem a ver gato com sapato???

Sobre o excerto acima, é INCORRETO dizer:

- (A) O uso de *Bom* permite que o locutor avance em direção a um outro aspecto do tema, qual seja, o de especificação da dúvida inicialmente manifestada de maneira mais ampla.
- (B) A pontuação é empregada tanto de modo convencional – para marcar a incorporação do discurso do outro, por exemplo –, quanto de forma criativa, para acentuar a intensidade da dúvida.
- (C) A abreviação de uma palavra, na medida em que força o leitor a ler o nome da letra, é bem sucedida na perspectiva das relações entre grafia e segmentos fônicos; ou seja, a síntese de fato permite recuperar o todo.
- (D) A construção ...*mas o q eu quero saber é por que é gato e sapato* equivale, quanto à expressão, ao conteúdo e ao valor pragmático-discursivo a esta sua variante mais correta: "Mas eu quero saber por que é gato e sapato".
- (E) 'Separe-se deste cara, ele faz gato e sapato de você!' é um exemplo feliz, na medida em que permite observar aspectos estruturais e também contexto de uso da expressão sobre a qual há dúvida.

8. *gato é o mesmo que dizer: tratar você como animal*
(*como se os animais não merecessem todo nosso carinho*)
sapato: é uma coisa que a gente pisa nela
entendeu?

Sobre o que se tem acima, é correto afirmar:

- (A) O comentário entre parênteses está assim sinalizado por não ter relação com o restante do texto; trata-se de uma digressão que não ilumina sequer o sentido da frase que a antecede.
- (B) O segmento *entendeu?* deve ser interpretado como abertura de uma unidade discursiva com função interpessoal, isto é, como marcador conversacional, e jamais como uma pergunta dirigida ao interlocutor.
- (C) O segmento *é o mesmo que dizer* introduz perspectiva metalinguística que, por meio de uma relação de equivalência, leva a palavra *gato* a ser interpretada em sentido denotado na expressão idiomática.
- (D) A interpretação mais saliente de *não merecessem todo nosso carinho* é 'não merecessem todo, mas só uma parte do nosso carinho', já que a negação incide apenas sobre o quantificador *todo*.
- (E) Em *sapato: é uma coisa que a gente pisa nela*, o elemento destacado na relativa copiadora indica que o complemento verbal foi interpretado como um sintagma preposicional.



9. Considere, em IV, o seguinte fragmento:

Eu acho que porque o gato e o sapato chuta-se para o lado pra você não tropeçar.

Levando em conta o contexto, assinale a alternativa que contém comentário apropriado sobre o fragmento acima.

- (A) A concatenação dos dois conectores associa-se ao processo dialógico que, na réplica, pressupõe o enunciado da pergunta; assim, considerado o conjunto dos enunciados da interação, não há obstáculo ao entendimento.
- (B) O trecho destacado revela que o fragmento passou por um processo de correção, no qual o primeiro conector, por inadequado, foi substituído pelo outro, sem que tenham sido apagadas as marcas desse processo metadiscursivo.
- (C) O fragmento revela um aproveitamento estilístico da oscilação comum aos processos de constituição de um texto; ela é mantida no produto final para criar o efeito de naturalidade do dizer.
- (D) O trecho destacado é índice de uma mudança em processo, aquela que tem licenciado o uso de *que* em estruturas explicativas e causais ("Leve o casaco, que vai fazer frio!"); o falante, apegando-se ao uso mais conservador e em face da constante exposição à variante inovadora, acaba por incorrer em hipercorreção.
- (E) Contém construção de tópico, que melhor se revela nesta operação de inversão da ordem dos constituintes: "Porque o gato e o sapato chuta-se para o lado para você não tropeçar, eu acho".

10. Consideradas as formas linguísticas em seus contextos, é correto afirmar que:

- (A) A significação mais saliente de *sofre na sua mão* (II) é a que remete a castigos físicos, uma das possíveis acepções de *fazer de gato e sapato*.
- (B) Em *você acaba chutando ele para o lado* (IV), o verbo auxiliar agrega aspecto resultativo à ação.
- (C) Nas estruturas *...ele não sai [do caminho]* e *...você não [o] chuta?* (IV), vemos manifestada a propriedade da língua de licenciar sentenças com categorias vazias; nesses dois casos, a categoria vazia corresponde ao mesmo tipo de complemento.
- (D) Em *Gato é o cara, sapato é você; ai sim, ele faz o que quer de você* (II), o segmento destacado serve para confirmar, sem qualquer correção ou ajuste, o que foi dito em I: *'Separe-se deste cara, ele faz gato e sapato de você!'*.
- (E) Em *quando alguém deixa o sapato no meio do caminho você não chuta?* (IV), o pronome destacado é índice de indeterminação do sujeito, não podendo ser interpretado como uma referência ao autor da pergunta que motivou a interação.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números **11 a 14**.

GATO-SAPATO

'FAZER ALGUÉM GATO-SAPATO' é maltratar, tratar alguém com desprezo.

A expressão teria surgido por associação com o mais vil dos ultrajes felinos: ser subjugado por um cão e assim ficar um 'gato sob pata'. Aí, 'sob pata' se teria transformado em *sopata* (tal como 'sob o papo' virou *sopapo* e 'sob pé' virou *sopé*). Mas a palavra nem chegou a se estabelecer: foi logo substituída por *sapato* porque (a) ninguém conhecia *sopata*, (b) *sapato* todo o mundo conhecia e era a palavra mais parecida com *sopata* e (c) *sapato* rimava com *gato*.

(Reinaldo Pimenta. **A Casa da Mãe Joana**. Curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2010, p.104)

11. É correto afirmar que o texto

- (A) identifica, nessa hipótese de formação histórica da expressão, uma coerção do sistema linguístico que se alia a um processo de analogia.
- (B) hierarquiza as razões apontadas nos itens de (a) a (c), tomando, portanto, a dimensão estilística da língua como a menos relevante para o caso em questão.
- (C) mostra preocupação com a datação dos estágios identificados no processo de formação da expressão, usando, para tanto, os advérbios *Aí* e *logo*.
- (D) defende que o processo de mudança começa sempre pelas formas linguísticas usadas por todos os membros de uma comunidade de fala.
- (E) desenvolve, em tom jocoso, raciocínio circular ao expor as três razões para a substituição de *sopata* por *sapato*.



12. É lícito afirmar que o enunciador

- (A) dá a entender que leva em conta certas hipóteses sobre a origem da expressão, marcando esse fato em trechos como *A expressão teria surgido..., ... 'sob pata' se teria transformado...*
- (B) firma o texto como paródia do discurso tradicional sobre o léxico e a etimologia, primeiro, com a digressão a respeito de cães e gatos, e, depois, com a apresentação de dados linguísticos nada plausíveis, como a suposta formação de *sopapo* a partir de *'sob o papo'*.
- (C) silencia sobre a variação que se encontra na língua (*fazer de gato e sapato; fazer gato e sapato de*), procurando, com isso, reforçar o raciocínio de que o desenvolvimento do léxico se dá a partir da norma padrão.
- (D) assume tom purista ao grafar a expressão, deixando subentendida a convicção de que apenas com o uso de hífen a unidade originalmente verificada em *'gato sob pata'* se mantém.
- (E) toma o significado atual da expressão como algo totalmente independente e desconectado de sua origem; daí a separação, em dois parágrafos, dos domínios sincrônico e diacrônico.

13. O confronto desse texto com o conjunto formado por I, II, III, IV e V leva a observar que os falantes não especializados em estudos da linguagem que utilizaram o *site*

- (A) não só desconhecem a origem e o significado da expressão, como também desconhecem a própria expressão; ou seja, não sabem que *fazer gato e sapato de alguém* (I) e *fazer do gato um sapato* (V) não existem em português; daí a falta de entendimento entre os debatedores no *site*.
- (B) acabam criando expressões sem sentido, porque, não compreendendo metáforas (*gato sob pata = ultraje*), inventam e divulgam construções sintática e semanticamente incompreensíveis (*fazer do gato um sapato*).
- (C) se responsabilizam, individualmente, pelo processo de reanálise, que toma estruturas, sob algum ponto de vista, obscuras (*sopata; fazer alguém gato-sapato*) e as torna mais transparentes para a maioria dos usuários da língua (*fazer do gato um sapato*).
- (D) manifestam intuições sobre aspectos que, também na visão do especialista, podem ter interferido no processo de fixação da expressão, como, por exemplo, a semelhança fônica entre *gato* e *sapato*.
- (E) mobilizam conhecimentos 'sobre o mundo' – *Eu acho que porque o gato e o sapato chuta-se para o lado pra você não tropeçar* –, o que não acontece no texto do especialista, rigidamente concentrado na consideração das formas linguísticas.

14. O que caracteriza os idiomatismos é o fato de que, *embora contenham apenas palavras conhecidas, resultam em formações cuja significação é até certo ponto imprevisível.*

(Ilari, Rodolfo e Basso, Renato. **O português da gente**. A língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006, p. 146)

Acatando essa caracterização de idiomatismo,

- (A) deduz-se que as variantes *fazer alguém gato-sapato, fazer gato e sapato de alguém, fazer alguém de gato e sapato; fazer do gato um sapato* não têm sua significação esclarecida pela análise de cada um de seus termos: ela se cria no todo e não da soma da significação de cada uma das partes.
- (B) dispensa-se, na análise das expressões idiomáticas, o conhecimento da significação das palavras, posto que nenhum de seus traços semânticos é relevante para a configuração do todo, como se vê em 'barriga da perna', 'chutar o balde', 'dar com os burros n'água', 'cada macaco no seu galho' etc.
- (C) nota-se que qualquer tipo de composição lexical mascara sua origem e torna opaca a significação dos elementos que a formam, como o comprova, por exemplo, a lexia 'conta-gotas'.
- (D) *fazer gato-sapato* não pode ser considerado como um idiomatismo, sobretudo se levamos em conta variadas hipóteses de falantes comuns e de um especialista sobre o modo como estão articuladas as relações de sentido entre os seus componentes.
- (E) *gato-sapato* não é um idiomatismo, porque sua significação não é apenas imprevisível, mas impossível de ser captada por meio de outras unidades léxicas da língua (*maltratar, ultrajar, 'fazer o que quiser com alguém', tratar alguém com desprezo*). Nenhum falante se mostra seguro sobre sinônimos ou paráfrases apropriados.



Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números **15 a 19** e às questões de números **22 e 23**.

O texto abaixo transcrito constitui a unidade **57** da obra **234**: ministórias, do escritor curitibano Dalton Trevisan, publicada em 1997.

– Os dois irmãos eram os piores inimigos. Bem me lembro no enterro da velhinha. Eles seguravam a alça do caixão – e não se olhavam. Pálidos, mas de fúria. Nem a cruz das almas comoveu os dois. Se odiavam tanto que a finadinha bulia sem parar entre as flores.

15. A análise da materialidade da composição

- (A) comprova que uma voz central cita as emoções que experimentou no passado, valendo-se de personagens secundárias para melhor definir seus próprios estados emocionais.
- (B) evidencia que o leitor acompanha, passo a passo, sem a mediação da perspectiva de um narrador, todo o desenrolar dos acontecimentos referidos; em seus detalhes, como os obtidos pelas minuciosas descrições do espaço.
- (C) manifesta que os elementos que configuram o ambiente não remetem a um espaço objetivo, mas adquirem feição simbólica, como se tem na última frase, em que a referência às flores não se justifica senão em sentido metafórico.
- (D) indica que o pretérito imperfeito descritivo foi empregado para compor o plano de fundo (o da caracterização das personagens) e para criar, na cena do enterro, a sensação de um panorama em movimento diante do leitor.
- (E) revela que os eventos estão situados no texto em respeito à ordem cronológica em que se deram – narra-se antes o que aconteceu antes, narra-se depois o que aconteceu depois –, sem referência ao tempo da enunciação.

16. *Na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação várias estratégias sociocognitivas. Essas estratégias por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizam vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória... [...] para o processamento textual, recorreremos a três grandes sistemas de conhecimento: conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico e conhecimento interacional.*

(Koch, Ingedore, Elias, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007, p. 39-40)

Considerando a referência teórica acima em relação ao que, no tocante à expectativa sociocultural, não precisa estar dito, mas apenas pressuposto, examine as seguintes sugestões de compreensão:

- I. O texto de Dalton Trevisan pressupõe a expectativa sociocultural de que, no enterro de um familiar, o desmaiado da face expresse a dor da perda.
- II. O texto de Dalton Trevisan pressupõe a expectativa sociocultural de que, entre as muitas experiências humanas, a mais intensa, que pode fazer as pessoas perderem a dureza da alma, é a da evidência da morte.
- III. O texto de Dalton Trevisan pressupõe a expectativa sociocultural de que, quando irmãos são adversários, cada um deles é o pior inimigo que o outro terá de enfrentar na vida.
- IV. O texto de Dalton Trevisan pressupõe a expectativa sociocultural de que situações que envolvem intensos sentimentos, como a de um enterro, são as que mais produzem lembranças fidedignas.

Dentre as propostas acima, as estratégias de sinalização textual legitimam, APENAS,

- (A) a leitura expressa em I.
- (B) as leituras expressas em I e II.
- (C) as leituras expressas em III e IV.
- (D) a leitura expressa em IV.
- (E) as leituras expressas em II e III.



17. O emprego de certas palavras, num texto, pode ativar na memória do leitor um esquema cognitivo (*frame*), que o levará a interpretar outros elementos do texto dentro desse quadro ativado. Esse 'enquadramento' permite, por exemplo, desfazer ambiguidades, avançar perspectivas sobre o que deve vir em sequência no texto, tomar decisões sobre o sentido de uma palavra usada.

No caso da ministória 57, o enquadramento autoriza

- (A) entender que a inimizade fora provocada por questão de herança.
- (B) afirmar que o desentendimento durava já muitos anos.
- (C) reconhecer a *velhinha* como a mãe dos inimigos.
- (D) antever que, no fim da cerimônia, haveria confronto direto entre os *dois irmãos*.
- (E) ter a convicção de que os *dois irmãos* padeceriam de remorsos, no futuro.

18. O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (*dialógicos*), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (*dialógicos*) penetram o enunciado também por dentro.

(Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal*, 4.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 313)

Considerada a perspectiva teórica acima, é correto afirmar sobre a ministória 57:

- (A) é atravessada pela voz popular que, para expressar a contrariedade que um fato provocaria numa pessoa se estivesse viva, assim se formula "Fulano está se remexendo no túmulo".
- (B) acolhe a voz de Dalton Trevisan, que se expressa diretamente no texto, dialogando com várias outras, inclusive com a das pessoas que acompanhavam o enterro e diziam "eles nem se olham".
- (C) contraria explicitamente a voz daqueles que defendem o fervor religioso como forma de salvação, na medida em que nega o poder salutar da '*cruz das almas*' no enterro descrito.
- (D) acolhe o ponto de vista bíblico acerca da inimizade entre dois irmãos, Abel e Caim, na medida em que, de modo injuntivo, proscree ambas as personagens que *seguravam o caixão*.
- (E) deixa-se ocupar pela voz de quem não domina o idioma – note-se a construção *sub-standard* *Se odiavam* –, para, juntamente com a simplicidade do léxico e das construções sintáticas, garantir a correta interpretação do texto pelo grande público.

Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números **19** e **22**.

– *Nunca me senti tão só, querida, como na tua companhia.*

19. O texto acima constitui a unidade **53** da mesma obra de Dalton Trevisan. Considere o conjunto formado por essa unidade e a de número **57**. Levando em conta os estudos linguísticos, discursivos e pedagógicos contemporâneos, o professor pode, adequadamente,
- (A) considerar a diferença entre essas unidades como decorrentes do fato de que cada uma das distintas esferas sociais da atividade humana produz diferentes enunciados concretos, *maneiras de dizer* distintas, que correspondem a distintos gêneros discursivos, de que são exemplos as ministórias **53** e **57**.
 - (B) considerar a diferença entre essas unidades como decorrentes do fato de que a escolha de uma pessoa por determinado 'modelo de texto' realiza-se em função do contexto de comunicação: da finalidade do produtor, da adequação ao lugar de circulação e ao portador e do destinatário a quem o discurso é dirigido.
 - (C) elucidar que produzir linguagem significa produzir discursos, ideologicamente marcados ou não, socialmente situados ou não, dialógicos ou não, atentando basicamente para o contexto histórico-cultural em que a interlocução acontece; e que a distinção entre as unidades é decorrência exatamente de cada um desses fatores.
 - (D) destacar que a unidade **53** exemplifica o que se postula como *gênero primário* (simples), que circula em esfera mais privada da sociedade, e a unidade **57**, gênero secundário (complexo), que circula nas esferas mais públicas, em circunstância de troca cultural.
 - (E) considerar que a reunião dos dois textos como parte de uma coletânea de um mesmo gênero do discurso é uma evidência de que o produtor explora os limites do próprio gênero: na ministória **57**, praticamente reduzindo o relato a uma sequência descritiva, e na **53**, reduzindo-o a uma parte isolada de uma sequência dialogal.



Atenção: Considere o texto abaixo para responder às questões de números 20 a 23.

Abaixo está transcrito um recorte que foi feito do texto que o escritor e crítico literário Cristovão Tezza publicou, na íntegra, no jornal **O Globo**, na secção Prosa & Verso, no dia 26/4/97. Título: **As 1001 noites de Dalton Trevisan**: violência seca colore vitral de Dalton Trevisan.

1 *Talvez o modo justo de começar uma resenha sobre um livro de Dalton Trevisan – qualquer um – seja reconhecer, afinal, que estamos diante de um grande mestre da literatura brasileira; mais que isso, diante do último sobrevivente de uma estirpe rara, a dos criadores de linguagem.*

Mas [...] é preciso advertir: não é fácil gostar de Dalton Trevisan. Muito mais fácil é detestá-lo. Não pense que
5 *ele distrai na praia, nem que ele melhora a passagem do tempo, página a página, língua de fora esperando o que vai acontecer adiante.*

[...]

E não há como escapar, gostemos ou não: [...] (n)enhum outro escritor brasileiro, hoje, terá o impacto, o poder de síntese, a violência, a absoluta, seca, irredimível brutalidade da frase de Dalton Trevisan. Mas atenção: não
10 *se trata apenas do domínio técnico, do bom artesão burilando sentenças, o parnasiano da desgraça – não são elas, as frases enxutas, que nos tocam, mas o universo sufocante detonado por elas na cabeça do leitor, palavra e visão de mundo inextricáveis no seu texto.*

[...]

Mas há ainda, o leitor terá percebido, outra dimensão daltoniana a ser lembrada: ele tem o poder demolidor
15 *da gargalhada. Em toda sentença de Dalton, há sempre um narrador que ri, há um poder de sátira que nos contamina, que nos torna inescapáveis cúmplices da visão de mundo daltoniana, porque diante da sua frase não podemos, mesmo compartilhando o horror que revela, esquecer a graça corrosiva que conta. O riso subterrâneo é a vacina daltoniana contra qualquer sombra de afeto, contra o fantasma da compaixão e da solidariedade, inelutavelmente, brutalmente falsas, das quais ele fugirá para todo o sempre como o vampiro foge da cruz.*

20 *Como se advertiu acima, não é fácil gostar de Dalton Trevisan.*

20. Levando em consideração o gênero discursivo a que pertence o texto, é correto afirmar que, nessa produção de Cristovão Tezza, se

- (A) alternam as regras composicionais desse gênero com as do gênero 'carta', tendo em vista que, entre outras marcas, se nota o uso da expressão *o leitor* equivalendo ao pronome de tratamento típico da escrita epistolar.
- (B) flexibilizam as regras composicionais desse gênero, pois este, numa visão ortodoxa, não admitiria, por exemplo, a passagem metalinguística com que se inicia o discurso sobre Dalton Trevisan.
- (C) encontram tanto a análise crítica de uma obra literária, conteúdo que é dizível por meio desse gênero, quanto informações que abrem perspectivas ao leitor quanto ao texto resenhado, em linguagem que traz a marca da subjetividade do seu produtor, traço de presença que o gênero propicia.
- (D) mantêm o tom laudatório, o nível linguístico elevado e os propósitos característicos desse gênero, ainda que associados a traços de composição próprios de outro gênero discursivo, o literário.
- (E) respeitam não só a forma padronizada que o meio de circulação do texto exige, mas também o rigor necessário a esse gênero, considerados a composição e o estilo, este último obrigatoriamente formal e objetivo.



21. É correto afirmar que, no texto de Cristovão Tezza,
- (A) (linha 1) a expressão *o modo justo* exprime um valor técnico, que, numa escala argumentativa, estaria no topo, mas o emprego de *Talvez* anula qualquer traço de positividade comunicado por aquela locução.
 - (B) (linhas 2 e 3) os dois segmentos regidos pela locução prepositiva *diante de* constituem um mesmo conteúdo semântico, apresentado sob formas estruturais diferentes.
 - (C) (linha 3) considerada a referenciação no último segmento da frase – *a dos criadores de linguagem* –, tem-se uma descrição nominal definida que reporta a um nome, operando uma seleção entre os conhecimentos que o locutor pressupõe como partilhados com os interlocutores.
 - (D) (linhas 4 a 6) a natureza injuntiva da frase *Não pense ... adiante* é determinada pelo advérbio de negação e confirmada pelo conector de orações negativas.
 - (E) (linhas 9 a 12) ao tomar contato com o enunciado introduzido por *Mas atenção:*, o leitor se defronta com um ato declarativo que apresenta natureza semântica paralela à do enunciado que o precede, não configurando aquele, portanto, nem uma ressalva, nem uma advertência.
-
22. A leitura do texto de Cristovão Tezza, associada à das ministórias de Dalton Trevisan, NÃO abona a seguinte assertiva: em seu texto, Cristovão Tezza
- (A) caracteriza os textos daltonianos como aqueles em que *palavra e visão de mundo* (são) *inextricáveis*, concebendo-os, assim, como bem-sucedidos em sua função estética, de que o leitor tem exemplo na unidade **53**.
 - (B) caracteriza, em certa passagem, o tipo de ficção em que o produtor, pressuposto o leitor-modelo, busca corresponder o mais possível à sua expectativa de apaziguamento existencial.
 - (C) cita o riso cáustico do narrador daltoniano, atitude que, se for reconhecida na unidade **57**, desvela a hipocrisia tanto dos que esperavam atitude cordial dos irmãos inimigos, quanto desses, se agissem de forma afável, no enterro da *velhinha*.
 - (D) considera que, sendo *parnasiano da desgraça*, Dalton Trevisan peca como escritor, mas minimiza o peso desse traço de estilo na totalidade da obra daltoniana.
 - (E) institui um leitor sensível à ironia corrosiva que caracteriza o discurso de Dalton Trevisan.
-
23. Para responder a esta questão, considere os textos de Dalton Trevisan, o de Cristovão Tezza e os que seguem.
- I. *Para que o objeto simbólico (texto) cumpra sua função, é necessário olhar o símbolo e enxergar o simbolizado. Por isso é importante lembrar que a compreensão/produção de textos (objetos simbólicos) mobiliza competências não só linguísticas, mas também extralinguísticas (conhecimento de mundo/saber enciclopédico, determinações socioculturais etc.).*
- (Caderno de orientação didática: referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental da área de língua portuguesa, p. 21)
- II. Dalton Trevisan se autodefine como *'arredio, ai de mim!'*, e sua incurável timidez é bastante comentada. Sempre recusando a fama, e a presença de fotógrafos e jornalistas, cria uma atmosfera de suspense em torno de seu nome que o transforma numa enigmática personagem. Afastado do convívio social, enclausurado em casa, mereceu o apelido de "O vampiro de Curitiba", título de um de seus livros.
- É correto afirmar:
- (A) as informações encontradas em II são relevantes para se compreender corretamente o título do texto de Cristovão Tezza, nada acrescentando, entretanto, à leitura que se faz dele sem esse específico conhecimento.
 - (B) o que se lê em I se aplica unicamente às ministórias de Dalton Trevisan, pois somente elas podem ser reconhecidas como *objetos simbólicos*.
 - (C) levado em conta o texto de Cristovão Tezza, II consubstancia-se como conhecimento que potencializa o sentido, por exemplo, da frase proverbial presente na penúltima linha do texto.
 - (D) o *conhecimento de mundo* explicitado em II não se confunde com *saber enciclopédico*, este sim necessário e suficiente para iluminar plenamente os objetos simbólicos que uma cultura produz.
 - (E) o discurso relatado, em II, é argumento de autoridade para comprovar dados biográficos, sem os quais a leitura de uma obra literária, como uma ministória, não se legitima, pois é deles que se depende para apreender o que o autor quis dizer.



Atenção: Para responder às questões de números **24** e **25**, considere o texto abaixo, de Ilka Brunhilde Laurito, publicado em **Canteiro de obras** (São Paulo: Edicon/Scortecci, 1985, p. 43), na unidade “Folclíricas”.

Poeminha fulminante

Para Flávia e Lygia

Relampa?

Relampadeja?

Relampeja?

Relampagueia?

Relampeia?

Relampadeia?

E, enquanto a luz

não esclarece as letras,

o raio que me parta

chega.

24. Numa prática de leitura coletiva, o professor quer enfatizar que, numa unidade de sentido, toda escolha está a serviço de uma intencionalidade do autor. Levando em conta o gênero a que pertence a composição acima, é adequado que o professor chame a atenção, por exemplo, para
- (A) o emprego de ***Poeminha*** com sentido pejorativo, maneira de a autora advertir o leitor a não considerar a composição como dotada de recursos artísticos, pois o tema tratado não é adequado a uma composição poética.
 - (B) o emprego de ***Poeminha*** como estratégia da autora para se antecipar a juízos críticos, pois ela manifesta seu reconhecimento de que o texto, por sua exígua extensão, não viabiliza a construção de estatuto de obra literária.
 - (C) o emprego de ***Poeminha***, nomeando o texto, como modo de a autora comunicar que ele não deve ser tido como nada além de uma mera brincadeira verbal, que, levando-se em conta a dedicatória, interessa exclusivamente a pessoas de sua intimidade.
 - (D) o emprego de uma única palavra em cada um dos seis versos iniciais como modo de a autora explorar a verticalidade do corpo gráfico para recriar, no plano da expressão, elemento do conteúdo: o movimento descendente da descarga elétrica até quando *chega*, no último verso.
 - (E) o emprego reiterado da interrogação, como maneira de a autora sinalizar o sentido de indissolubilidade da dúvida que inquieta o eu poético, falta de solução inerente aos verbos defectivos na língua portuguesa.
-
25. Considerando os efeitos de sentido produzidos pelo poema, é correto afirmar:
- (A) a ideia de “luz” emerge no texto convocada pelo termo “raio”, visto não estar aludida - nem direta, nem indiretamente-, em outra palavra ou verso.
 - (B) a distribuição do ritmo nos seis primeiros versos – em sequência que vai do mais marcado para o menos marcado – prepara para a ausência de qualquer ritmo na linguagem prosaica dos quatro últimos versos.
 - (C) tanto os sinais de pontuação, quanto cada um dos versos demarcam as unidades sintático-semânticas, motivo pelo qual os versos 7 e 9 devem ser lidos com acentuada pausa ao seu final, como se dá com os demais.
 - (D) a correlação estabelecida nos quatro últimos versos poderia ser corretamente associada a *fulminante*, se, na superfície do texto, o adjetivo não caracterizasse *Poeminha*.
 - (E) o particular direcionamento da expressão imprecisativa clichê – *me parta* –, no penúltimo verso, exemplifica a atitude estética – ver e tratar de modo peculiar o que se tem à disposição no mundo.



Atenção: Considere os textos abaixo para responder às questões de números 26 e 27 e à questão de número 29.

No vidro traseiro de um carro particular, circulando pela cidade, encontram-se os seguintes dizeres:

- I. Eu, Júlia, amo meu marido, o Carlos, que ama Lucas, nosso filho, que ama Laís, irmãzinha dele. Essa é a história de uma família feliz.

Logo abaixo, na lataria, encontra-se o seguinte adesivo:

II.



26. Considerados I e II, é correto afirmar:

- (A) I e II não gozam, cada um deles, isoladamente, de autonomia, como o comprova o fato de serem obrigatoriamente veiculados como constituintes de uma unidade textual única.
- (B) A mensagem visual (II) institui-se como paráfrase da mensagem verbal (I), representando, por meio de distinto código, as mesmas informações que o código verbal propiciou.
- (C) I e II são complementares, na medida em que o traço característico dessa específica família só pode ser construído por meio de linguagem icônica.
- (D) I e II são textos que dialogam entre si, sendo que II, em outra conformação semiótica, confirma o sentido de I.
- (E) I e II estabelecem relação intertextual que pode ser considerada polêmica, na medida em que a ordem em que I e II são lidos altera o sentido de ambos.

27. O texto I, citado na questão anterior, traz à memória de quem já o leu o bastante conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade:

III. *Quadrilha*

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*

A aproximação entre a fala de Júlia (I) e o poema (III) evidencia a correção do seguinte comentário:

- (A) por meio de diferentes percursos discursivos – por exemplo, III se elabora por meio de dois movimentos, enquanto I se vale de um único –, os textos convergem quanto ao sentido.
- (B) I se estrutura por meio de elementos concretos, *figuras*, que correspondem a algo existente no mundo natural; III não lança mão de figuras e, por meio de elementos abstratos, *temas*, busca definir e categorizar as coisas do mundo.
- (C) I firma uma posição existencial que sacraliza o amor, responsável pela união indissolúvel da família; III expressa a convicção de que a felicidade se constrói por sucessão de eventos trágicos ou dramáticos.
- (D) I demarca claramente as unidades da sequência lógica das frases, como o comprova o emprego da pontuação; III vale-se da analogia – nos três versos iniciais, mimetiza a coreografia convocada no título –, sugerida esta pela ausência de pontuação nesses versos, à exceção do ponto final.
- (E) I remete univocamente a uma determinada família; III, valendo-se de metáforas e metonímias, que repelem os sentidos denotativos, reorganiza poeticamente uma história real.



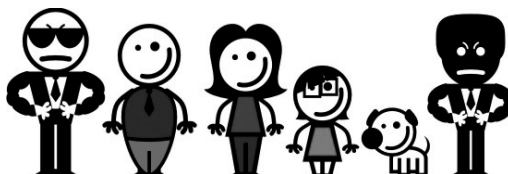
Atenção: Considere os textos abaixo para responder às questões de números 28 a 30.

Na internet, num site que comercializa adesivos, lê-se:

A – *Você pode personalizar a sua família escolhendo entre os Personagens, Pets e Acessórios disponíveis abaixo.*

B – *Agora, para você que ainda tem medo de aplicar os adesivos pelos comentários da mídia, onde criminosos utilizam os adesivos para recolher informações de sua família, resolvemos seu problema. Com a nova linha "SEGURANÇAS" você espanta os bandidos pra bem longe, afinal, quem vai encarar esta equipe? Rsrs*

Se você conhece alguém que ainda não utiliza por estes motivos, não perca tempo, envie esta página para ele!



28. Uma análise consistente dos textos, considerado o contexto em que circulam, autoriza o seguinte comentário:
- (A) Por meio de frases que expressam a garantia oferecida ao consumidor quanto ao pleno gozo do direito de escolha – como *Você pode personalizar* –, a empresa abre perspectivas para atender a qualquer individualização desejada pelo comprador.
 - (B) Por meio, predominantemente, da função emotiva e apelativa da linguagem – como em *para você que ainda tem medo de aplicar os adesivos pelos comentários da mídia [...] resolvemos seu problema* – a empresa busca a adesão do consumidor consciente.
 - (C) Por meio de abreviação típica dos meios de comunicação eletrônicos, a empresa expressa intimidade com o leitor jovem, visto que só esse tipo de usuário é capaz de decodificar essa abreviação.
 - (D) Por meio de ardil argumentativo, a empresa cita crítica bastante difundida e, de modo descontraído, mas com argumentos solidamente embasados, tenta desqualificar os responsáveis pela opinião desfavorável.
 - (E) Por meio de específico recurso de convencimento – *resolvemos seu problema* –, cuja abrangência é ampliada pela cadeia estrategicamente estabelecida, a empresa busca aliciar o leitor na tarefa de obter clientes.
-
29. Levando em conta que construções culturais podem dar a conhecer hábitos e concepções de uma sociedade, numa determinada época, o que se lê no carro (questão 26) e no site (questão 28) torna plausível o entendimento de que, na contemporaneidade,
- (A) os indivíduos, para afirmar-se, necessitam tornar visíveis a todos até suas disposições mais íntimas, atitude que sugere precariedade da vida interior das pessoas.
 - (B) as pessoas buscam ser felizes de todas as formas e, quando conseguem, com grande esforço individual, sentem o saudável desejo de convencer os outros de que a felicidade é acessível a todos.
 - (C) os meios de comunicação oferecem infinitas possibilidades para que vitoriosos naquilo que é fundamental para todo ser humano possam livremente expressar-se e difundir suas estratégias de sucesso.
 - (D) as pessoas, limitadas em sua individualidade pelo processo de massificação, buscam valer-se, cada vez mais, de práticas autenticamente particulares, modo de firmar sua privacidade.
 - (E) a inflação informativa e imagética do mundo tecnológico acarreta intenso convívio com pessoas bem-sucedidas, o que gera um tal sentimento de carência no indivíduo, que ele se torna impassível ao desejo de ter sua própria consciência satisfeita.
-
30. Suponha que, numa atividade em sala de aula, os alunos tenham acesso às frases veiculadas no site. O professor interessado em examinar a função discursiva dos fatos linguísticos revela procedimento adequado ao agir do seguinte modo:
- (A) Propõe aos estudantes que, munidos de gramáticas e dicionários da língua, analisem as frases, fixando claramente o objetivo da pesquisa: detectar, por eles mesmos, se elas respeitam o padrão culto escrito no que se refere à grafia, concordância e regência.
 - (B) Esclarece a significação básica locativa da palavra *onde*, observação que servirá de apoio para que os estudantes reconheçam o erro do autor ao empregá-la em B e, depois, para a proposta de elaboração de frases em que haja adequação no emprego.
 - (C) Tira proveito do fato de os alunos notarem as aspas em “*Seguranças*” para encaminhá-los ao estudo do emprego dos sinais de pontuação, tarefa que objetivará a construção de um painel com frases ilustrativas em que esses sinais sejam destacados.
 - (D) Parte da constatação do emprego equivocado da forma *pra* para advertir os alunos de que palavras ou construções de natureza coloquial não têm sua presença em textos escritos legitimada, principalmente se forem literários.
 - (E) Destaca o emprego de *Agora*, estimulando os alunos a levantarem hipóteses sobre essa presença no texto, até que construam o entendimento de que constitui elo coesivo entre duas afirmações que contemplam atitudes humanas contrastantes.